

Capítulo I

Diana Neysmith deitou-se sobre uma pilha de travesseiros macios e arrumou com capricho as madeixas escuras sobre as fronhas alvas. Estava acordada havia algum tempo e terminara de passar uma camada generosa de pó de arroz nas faces redondas e róseas, além de uma sombra escura sob os olhos. Era preciso empregar qualquer recurso disponível para ocultar a coloração saudável do rosto que não traduzia os sofrimentos de um destino que considerava tão injusto.

Admitiu que a visão da fisionomia pálida no espelho fora convincente e que o espetáculo de seu sofrimento enterneceria o mais empedernido dos corações. Atuaria como uma pobrezinha sem vontade própria, se fosse para esmagar os ditames da má sorte que a perseguia. Para tanto executaria sua parte à perfeição. No momento, só lhe restava esperar Jane que traria a bandeja com o café da manhã.

Não demorou muito e a paciência de Diana foi recompensada. Na verdade, ela encarou como um bom presságio cantarolar uma melodia triste pouco antes de a criada entrar.

Ele cavalgou, cavalgou

Até encontrar seis jovens que carregavam um cadáver vestido de branco.

Deixem-na aqui, deixem-na aqui

Perto de mim

Para que eu possa

Beijar-lhe os lábios brancos como gesso,

Antes que ela seja levada para sempre.

Diana foi forçada a limpar uma pequena lágrima que ameaçava fazer uma trilha reveladora na face empoada e destruir seu trabalho, quando Jane empurrou a porta com um dos lados do quadril grande. Se não tivesse boa saúde, Diana julgou, com uma fungadela, a canção poderia muito bem ter sido inspirada nela.

— Ai de mim, minha filha — Jane queixou-se, pesarosa, e carregou a bandeja pesada até a cama de sua jovem patroa. — O céu está azul, mas acredito que não demora a escurecer. Estou sentido muita dor nos ossos, um prenúncio de tempo ruim. Ah, minha filha, não desperdicemos

minutos preciosos com minhas agruras. Eu lhe trouxe o desjejum, não sem antes ter repreendido a cozinheira por causa do aspecto do bacon. Se a carne lhe fizer mal, a culpa recairá sobre ela. Srta. Diana, não se incomode comigo. Sente-se e coma. A senhorita tem de se aprontar o mais rápido possível para a viagem de hoje.

Diana não se preparou para comer com a animação costumeira. Gemeu e virou a cabeça, refletindo que teria sido sensato devorar uma lauta refeição a noite anterior.

— Jane — ela falou com fraqueza fingida —, nada me apetece.

— Por que, srta. Diana? — Jane exclamou, preocupada. — Não quer chocolate? Nem ovos quentes? Nem um bolinho delicioso? Santo Deus, misericórdia! — O fato de sua jovem patroa não ter apetite era preocupante.

Em vez de responder, Diana suspirou dramaticamente e fitou o teto.

— A senhorita não vai sarar a tempo! — Jane exclamou, atirando as mãos para cima. — Oh, meu Deus! E a família está se aprontando com intuito de ir para Brighton hoje. Que transtorno! Nem posso imaginar o que o patrão vai dizer!

Diana exagerou um gemido de cortar o coração.

— Por mais que eu deteste a tarefa, acho melhor chamar lady Ann! Creio que ela não vai gostar nada disso, srta. Diana. Sabe muito bem que não será possível desmarcar a viagem de férias que ela tem aguardado com muita ansiedade. Milady se sentirá frustrada. A senhorita não acha que poderia melhorar um pouco e ficar doente em Brighton?

Determinada, Diana pôs um braço sobre a testa e tornou a gemer, dessa vez com energia renovada. Não viajaria para Brighton! Seu coração não suportaria. Nenhum poder no mundo a forçaria a enfrentar Brighton, um local nocivo, com amantes indecorosos que infestavam ruas e parques...

— Srta. Diana, eu não gostaria nem um pouco de dar essa notícia para lady Ann — Jane continuou a se lamentar —, pois ela fará um espalhafato. Tenho certeza de que a causa foi a reunião absurda da noite passada. Tenho dito mais de uma vez que o ar úmido da noite não é salubre. Muitas jovens morreram por causa disso. Ah, por favor, srta. Diana, por favor — ela quase gritou e levou as mãos ao peito —, por favor, tente não morrer! Se tal fato ocorresse, tenho certeza de que seria ainda mais chocante para lady Ann do que não ir para Brighton!

Diante da última tolice, Diana soltou-se das garras do sinistro anjo da morte e apoiou-se nos cotovelos, irritada.

— Pelo amor de Deus, Jane, vá de uma vez chamar minha mãe! Preciso falar com ela e não tenho o dia inteiro disponível!

Ao ouvir a voz de comando, Jane suspirou, pesarosa, fez uma rápida cortesia e retirou-se em seguida. Diana cruzou os braços e esperou. Poucos minutos se passaram antes de a porta ser aberta por uma dama agitada, elegante e vestida com um penhoar de seda cor de vinho enfeitado com borlas cor de pêssego. Lady Ann Neysmith era uma mulher jovem e bonita. Os olhos muito azuis eram circundados por cílios espessos e poucos fios de cabelos brancos apareciam nos cachos loiros.

— Pobre anjinho — lady Ann gorjeou, sentou-se na beira da cama e acariciou a testa excessivamente pálida da filha.

— O que houve?

— Mamãe — Diana sussurrou —, não estou me sentindo nada bem.

— Minha pequena, uma mudança de ares e a brisa marítima a deixarão recuperada.

— Mamãe, tenho certeza de que não estou em condições de viajar.

— Ah, querida, mas é preciso ir — a mãe explicou com um sorriso paciente. — Tudo foi planejado há tempos. As malas estão prontas e a maioria dos servos já seguiu para Brighton. Não nos resta outra opção, a não ser a viagem. — Lady Ann sorriu com inocência, acariciou a face da filha e levantou-se, pronta para deixar o quarto.

— Mamãe, escute, por favor — Diana persistiu e agarrou o braço da mãe. — Eu lhe digo que não posso ir. Olhe para mim e veja se não está de acordo.

— Você me parece pálida — a mãe admitiu, depois de um momento de hesitação —, mas creio que não deve ser nada grave. A brisa fresca do mar devolverá o rosado em suas faces.

Diana mordeu o lábio inferior e franziu o cenho. Não iria para Brighton! Não enfrentaria o infame lorde Dumphrey, nem seus sorrisos encantadores e muito menos a abominável srta. Vamey. Não queria faces rosadas. Preferia morrer.

— Tome seu café da manhã, meu amor — a mãe recomendou. — Em duas horas teremos de estar prontas para partir. Você conhece seu pai. Ele não gosta de esperar.

Duas lágrimas deslizaram pelos enormes olhos castanhos.

— Mamãe, não posso — Diana afirmou com voz trêmula.

— Por que não, Diana?

— Será que não entende, mamãe? — ela gritou, desesperada. — Estou tísica!

Lady Ann contou ao marido a notícia terrível, mas sir Reginald limitou-se a levantar os olhos do jornal.

— Diana teve novamente um de seus ataques excêntricos?

— Reginald, não sei se deveremos chamar uma debilidade perigosa de *ataque excêntrico* — ela reprovou o marido. — Seria uma afirmação muito medíocre. É de cortar o coração vê-la tão doente e pálida. No entanto, essa enfermidade é bastante inoportuna. Estou muito nervosa... eu queria tanto ir para Brighton.

— E você irá, meu amor. — Sir Reginald virou a página do periódico.

— Não vejo essa possibilidade. Reginald, como pode pensar em uma coisa dessas? Se Diana acabar tendo um impulso violento, seria ainda mais problemático. O cocheiro se descontrolaria.

Sir Reginald deu um suspiro profundo.

— Você esquece, meu amor, que o cocheiro está a nosso serviço? Se resolvermos ter acessos, ele terá de suportá-los. Digo mais, é uma obrigação para quem é muito bem pago por seu trabalho. Apesar disso, não creio que Diana terá um surto nervoso.

— Como pode ter certeza? — a esposa insistiu. — Meninas têm ataques todos os dias e é preciso admitir que será uma grande contrariedade se Diana ficar dura e histérica a caminho de Brighton.

— Tem razão, meu amor — o cavalheiro concordou, muito sério. — Essa é uma circunstância muito perigosa. Acredito que a animação de Brighton seria estimulante para a constituição delicada da pobre criança. Contudo, pensei em mandá-la ficar uns tempos no campo para se recuperar.

— Para o campo, meu querido?

— Sim — ele confirmou. — Ela não pode ficar aqui sozinha, e não vejo motivos para a família deixar de aproveitar as férias só porque criamos uma filha excessivamente tola.

Lady Ann fitou-o sem expressão por um momento.

— Não entendo, meu querido. Diana é tão inteligente como eu.

— Como sempre, amor, você está certa. — Sir Reginald sorriu. — Eu me expressei mal. Olhe para sua mão.

Lady Ann levantou os dedos, olhou-os e franziu o cenho. O marido puxou a mão da esposa até os lábios e soprou-a. Uma nuvem de pó branco elevou-se no ar. Confusa, lady Ann continuou sem entender.

— Meu amor, suponho que nossa Diana recorreu a um de seus velhos truques.

— Como assim, querido?

Sir Reginald suspirou.

— Você esqueceu de que, ainda criança, Diana pintou o rosto com suco de groselha e tomou chá quente para pensarmos que ela estava com

escarlatina? Se não estou enganado, ela não queria visitar os primos em Kent. Agora, ela não quer ir conosco para Brighton e cobriu-se com pó de arroz. Assim que você entrou aqui, notei mancha de pó na manga de seu penhoar.

Lentamente a aurora raiou no olhar adorável de lady Ann.

— Meu querido, por que Diana não haveria de querer ir para Brighton? Todo mundo quer ir para Brighton!

— Nem todo mundo sofre por amor — o marido afirmou, solene.

Sir Reginald observou, divertido, a esposa digerir a nova informação e antecipou-se às perguntas inevitáveis.

— Eu não saberia de nada, se ontem à tarde eu não tivesse uma conversa singular com nossa filha. Ela me disse que, em breve, lorde Dumphy pretendia fazer-nos uma visita, com o propósito de pedir minha permissão para fazer-lhe a corte.

— Ora, mas ele está para se casar com a srta. Vamey e todos sabem disso — lady Ann expressou-se com veemência. — Eu não tinha a menor ideia de que ele fosse tão pilantra!

— Mas ela só ficou sabendo ontem à noite — o marido lembrou-a com paciência. — Não sei o que se passa na cabeça de nossa filha para imaginar que as atenções de um mundano consagrado como Dumphy se voltariam justo para uma menina de dezesseis anos. Agora ela está humilhada e de coração partido. A srta. Vamey e família irão para Brighton, para onde também irá lorde Dumphy. Portanto, foi essa a causa da *tísica* de Diana.

Lady Ann procurou seguir o raciocínio do marido e sir Reginald deu-lhe tempo para isso. Durante os quinze minutos que se seguiram, ele terminou de ler o jornal, escreveu e selou uma mensagem, e olhou com expectativa para a esposa.

— Não compreendo — ela afirmou.

— Bem... o que você não compreende?

— Se vamos para Brighton, como Diana irá para o campo?

— Perdão, meu amor, esqueci de comentar a respeito do assunto.

Acabei de escrever para minha irmã Hippolyta, avisando que mandaremos Diana para uma breve visita. Desnecessário dizer que a carta e Diana chegarão quase ao mesmo tempo, mas não havia outro jeito. Você, eu e Bertie iríamos para Brighton, mas adivinhe se não pensei melhor e resolvi mandar Bertie na companhia de Diana? Assim iremos sozinhos para Brighton! O que acha disso, meu amor? — Sir Reginald sentou a esposa nos joelhos. — Seria como nos velhos tempos!

— Tia Polly! — Diana gritou em tom angustiado semelhante ao de uma heroína trágica sob a ameaça de um vilão odioso. — Não quero ir para a casa de tia Polly! Quero ficar aqui, na minha cama, sob os cuidados de Jane.

— Não duvido — o pai respondeu, bem-humorado —, mas não daria certo. O que você tem contra sua tia, a não ser o fato de ela ser excêntrica?

Diana mordeu o lábio em silêncio. Como faria o pai entender? Antes de tudo, não havia nenhum jovem na casa de tia Polly. Todos eram tão velhos quanto as igrejas — mais de trinta — e tediosos! Sempre falando sobre algo que haviam lido nos livros empoeirados.

E ainda havia Edward a ser considerado. Enteado de tia Polly, era muito irritante. A última vez em que o vira, havia três anos, ele a convencera e também a Bertie, a pegar um atalho pela charneca. Eles acabaram enlameados até os joelhos, ocasião em que ela perdera o melhor par de sapatos de pele de cabrito. Para piorar, Edward tinha o péssimo costume de rir para ela. E Diana duvidava de que, por milagre, o tempo se encarregara de operar alguma mudança no caráter odioso dele.

Contudo, aquele não era o mais significativo de seus problemas. Não desejava expressar seus sentimentos verdadeiros a respeito da irmã de seu pai, embora fossem bem fundamentados. Seu pai era bastante conservador no que se referia à família. A ele não importava se a filha passasse um mês inteiro andando na ponta dos pés... em um terror mortal!

— É que tia Polly é tão... — Diana não encontrou uma palavra condizente que não fosse ofensiva.

— Sim, ela é diferente — sir Reginald concedeu —, mas isso não tem a menor importância. Toda a família é assim e nada se pode fazer a respeito. Além do mais, sua mãe e eu vamos para Brighton. Você e Bertie irão para a casa de Hippolyta.

— Oh, não! Bertie também? — Diana exclamou, angustiada.

— Sim, Bertie também — o pai ecoou com alegria. — Agora, trate de sair dessa cama. Vista-se e esteja pronta em uma hora.

— Papai — Diana lamentou-se com pesar sincero. — Como o senhor pode ser tão desprovido de sentimentos? Será que não percebe que não estou bem?

Infelizmente Diana herdara o talento teatral, sempre desperdiçado, da família. Ah, era preciso esquecer isso, sir Reginald considerou antes de prosseguir:

— E lembre-se de lavar o rosto, Diana.

— Tia Polly! — Bertie gritou ao sair da cama. — Isso é maravilhoso,

mamãe! Tia Polly é bem melhor do que Brighton!

— Fico feliz por você aprovar — lady Ann concordou com um leve sorriso. Ela gostava muito desse menino de oito anos que, ao contrário de Diana, herdara da mãe os cabelos loiros e os grandes olhos azuis. — No entanto, essa não é a opinião de sua irmã.

— Minha irmã é uma besta! — o menino afirmou, convicto.

— Bertie! Não sei de onde você tirou essa linguagem tão vulgar, meu filho. Sente-se em meu colo e coma um doce para tirar o mau gosto da boca.

Na verdade, Bertie era de opinião de que palavras grosseiras deixavam sua boca com ótimo paladar. Apesar disso, pulou no colo da mãe e comeu a guloseima com satisfação. Ele nunca deixava escapar a boa sorte.

— Tia Hippolyta! — ele repetiu e passou a língua nos lábios. — Levarei minha luneta para fazer observações da torre. De lá se enxergam quilômetros à distância.

— Sim — a mãe disse, pensativa. — Então se lembre de pedir a Diana para colocar o instrumento em uma sacola.

— Também levarei meu pequeno caderno de anotações. E se eu for muito bonzinho, talvez tia Polly me deixe visitar o laboratório dela.

— Mas nem pense em tocar em alguma coisa perigosa. — Lady Ann estremeceu. — Por um momento não se sentiu feliz em mandar os filhos para a casa da irmã mais nova de seu marido. Hippolyta sempre fora uma mulher tão estranha quanto a charneca rastejante que a rodeava.

Contudo, as apreensões de lady Anne duraram pouco e foram esquecidas tão logo ela fechou a porta atrás de si.

— Para a casa de tia Hippolyta. — Bertie riu para si mesmo. — Para os domínios da bruxa!